



**GRAÇAS do
PADRE CRUZ SJ**

PRECES PARA UMA NOVENA



Deus infinitamente misericordioso que descestes do Céu à terra para ser a salvação e o modelo de todos os homens; Vós que dis-sestes: Pedi e receberéis, procurai e encontrareis, batei e abrir-se-vos-á, pelos méritos e intercessão do Vosso servo P. Cruz que, perfeito imitador Vosso, abrasado em caridade, passou igualmente pela terra a fazer bem: consolando os aflitos, socorrendo os necessitados, visitando os pobres e encarcerados e convertendo os pecadores.

Concedei-nos a graça de imitar as suas virtudes, principalmente o seu espírito de oração e união com Deus, o espírito de fé viva, de esperança firme e de amor ardente, a devoção filial à SS.ma Virgem, o zelo pela salvação das almas e o horror a tudo o que desgoste o divino Espírito Santo e nos torne menos dignos da Sagrada Comunhão. Concedei-nos em particular a graça de... se for para honra Vossa, para bem das nossas almas e glória do vosso Servo. Assim seja.

Pai Nosso, Avé Maria e Glória.

Bondoso Padre Cruz, rogai por nós!

Oração

Senhor Jesus Cristo, que dissestes: Se não vos tornardes como pequeninos, não entrareis no reino dos céus, olhai para a humildade e simplicidade com que o Vosso servo Francisco procurou a glória divina e o bem temporal e sobrenatural dos humildes, e dignai-Vos glorificar o Vosso discípulo fiel com a auréola da santidade, se isso for da Vossa maior glória.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

Assim seja.

Nota: Estas preces destinam-se a devoção particular.

Evite-se cuidadosamente tudo o que pareça culto público.



Índice :

Compaixão:Ter um coração nos olhos.....	pág. 67
Maria, Mãe da Misericórdia.....	pág. 71
Na Escola do Cura d’Ars.....	pág. 74
No Confessionário.....	pág. 78
Almas Errantes, Descrentes e Doentes.....	pág. 82
Assunção de Nossa Senhora.....	pág. 85
Deram Esmola e agradecem Graças.....	pág. 89
Missas.....	pág. 96



Compaixão: ter um coração nos olhos

“Ao desembarcar, Jesus viu uma numerosa multidão e teve compaixão, porque eram como ovelhas sem pastor” (Mc 6,34)

Mais uma vez, Jesus e seus discípulos fazem a “travessia” pelo mar, em direção à “outra margem”; a multidão sai caminhando ansiosamente por terra e alcança-os. Jesus é ponto de confluência de todas as fomes, carências e desesperos. É o povo pobre das pequenas aldeias que está sofrendo grandes injustiças e muita violência. Não é gente das cidades importantes. Diz o texto de S. Marcos que saíram “de todos os povoados” e foram “correndo”, com pressa, com expectativa e esperança, ansiosos por encontrar-se com Jesus. A cena acontece num “lugar despovoado”, afastado da vida cotidiana organizada segundo o pensamento da sinagoga e a lógica dominadora do império romano.



Ao ver a multidão, Jesus comove-se até as entranhas, porque “eram como ovelhas sem pastor”.

Como noutras passagens do Evangelho, Jesus muda o plano de descanso desse dia para acolher a dor que surge de repente no seu caminho. Contempla as pessoas, e na sua maneira de se aproximar do povo está já encarnado em gestos, palavras e olhares, o Reino que anuncia.

Movido por sua compaixão, Jesus “começou a ensinar-lhes muitas coisas”. Sem pressas, dedica-se pacientemente a ensinar-lhes a Boa Notícia de Deus e o projeto humanizador do Reino. Não o faz por obrigação; não pensa em si mesmo; comunica-lhes a Palavra de Deus, comovido pela necessidade que as pessoas têm de um pastor.

Jesus não vive olhando para o céu, mas tem os olhos bem fixos na terra, na humanidade sofredora. Por isso, nada lhe escapa, observa tudo. O seu olhar não é neutro: deixa-se afetar por tudo e por todos. E a realidade sofrida tem forte impacto no seu interior, comovendo-o.

Os discípulos precisam de aprender com Jesus como devem tratar as pessoas; nas comunidades cristãs é preciso recordar como era Jesus com estas pessoas perdidas no anonimato, das quais ninguém se preocupa.

A primeira coisa que o evangelista Marcos destaca é o olhar de Jesus. Não se irrita porque interromperam seus planos; olha a multidão tranquilamente e comove-se. As pessoas nunca o molestam. O seu coração intui a desorientação e o abandono em que se encontram, como camponeses daquelas aldeias.

“A fé não só olha a Jesus, senão que olha a humanidade a partir do ponto de vista de Jesus, ou seja, com os seus olhos: é uma participação no seu modo de olhar” (Lumen Fidei, n. 18).

Jesus convida-nos, no Evangelho, a fazer um exercício especial da visão. Destruar o nosso olhar focado em nós mesmos, nos nossos interesses e apegos, para expandi-lo em direção aos outros.



Todos os Evangelhos estão perpassados, de ponta a ponta, por um olhar. O olhar de Jesus que chama, conhece, cativa, derrama ternura e misericórdia, que vela, que se antecipa, que revela, que denuncia, que confirma e, também, que restaura.

O olhar de Jesus ativa a identidade das pessoas. Olha de uma forma única e singular a cada uma, e nesse olhar desvela quem ela é e ilumina o sentido da sua existência. O olhar de Jesus lança para a frente, desperta a confiança, descarrega o peso da culpabilidade e “dá asas” à vida. Por essa razão o seu olhar eleva e dignifica o outro, nunca o deixa no mesmo lugar, não só o coloca de pé, mas sempre o leva para mais além...

O olhar de Jesus é o reflexo e prolongamento do olhar do Pai; Ele se fixa sobretudo nas pessoas concretas, mas com particular atenção nos mais pobres e necessitados, os quais eram invisíveis para a sociedade de seu tempo: os enfermos, as viúvas, as crianças, o estrangeiro...

Olhar a partir de Jesus, olhar como Jesus, olhar a partir dos olhos daqueles que sofrem... É um convite a iluminar o nosso olhar, às vezes muito apagado pela mediocridade de nossa vida; outras vezes opaco pela falta de esperança na nossa capacidade de levar adiante a missão que Jesus nos confia.

No descobrir, no “olhar” as pessoas às quais costumamos excluir de nosso campo visual quotidiano, começa o vislumbre, a visibilidade de Deus entre nós... É aí que encontraremos as suas pegadas.

A mística cristã é uma mística de olhos dolorosamente abertos. Temos de aguçar a visão para sermos capazes de contemplar a Vida de Jesus entrelaçada com a história do sofrimento das pessoas.

Na Igreja, precisamos de aprender a olhar as pessoas como Jesus as olhava: captando o sofrimento, a solidão, o desconcerto ou o abandono que muitos sofrem. Somente este olhar solidário é que ativará a compaixão.

A compaixão é provavelmente o máximo grau de maturidade humana. Trata-se de uma das atitudes mais genuinamente humanas;



não é casual que ocupe o lugar mais destacado nas grandes tradições espirituais.

O sentimento de compaixão vê-se favorecido pela experiência da nossa própria necessidade, fragilidade ou vulnerabilidade. Sem dúvida, ao apalpar a nossa própria limitação, nos “reconciliamos” com a nossa humanidade, nos fazemos mais “humanos”. E, a partir daí, pode crescer a capacidade de ativar a empatia para com o outro, particularmente quando se encontra em situação de necessidade e precariedade.

Além disso, o encontro com a compaixão de Jesus desperta a compaixão presente no nosso interior, mas abafada pelas preocupações e interesses do nosso ego.

A compaixão requer uma sensibilidade limpa e um afeto livre. Para poder “vibrar” com o outro, é necessário que a nossa sensibilidade não esteja congelada nem petrificada; de outro modo, o sofrimento alheio chocaria contra a nossa couraça, e seríamos incapazes de senti-lo.

Por outro lado, é necessário também que tenhamos libertado a nossa capacidade de amar: o bloqueio da mesma nos manteria fechados, impedindo-nos de “sair” positivamente em direção à pessoa que sofre.

Pe. Adroaldo Palaoro SJ
Diretor do Centro de Espiritualidade Inaciana

Na Igreja, precisamos de aprender a olhar as pessoas como Jesus as olhava: captando o sofrimento, a solidão, o desconcerto ou o abandono que muitos sofrem. Somente este olhar solidário é que ativará a compaixão.



Maria, Mãe da Misericórdia



Existe uma íntima relação entre Maria Santíssima, a Mãe de Jesus, o mistério da misericórdia divina e a prática da misericórdia. Maria está desde a sua concepção envolta na misericórdia infinita do Pai, pelo Filho e no Espírito (preservada do pecado e do demônio), ao mesmo tempo em que o seu agir - antes e depois da sua Assunção - está assinalado pelo amor efetivo aos seres humanos.

Oficialmente a Igreja Católica aprovou a 15/8/1986 o formulário da Missa Votiva “Santa Maria, Rainha e Mãe de Misericórdia”, importante marco para a história de sua veneração - sem nos esquecermos que a 30/11/1980 o Papa João Paulo II destacará na sua Encíclica *Dives in Misericórdia* que Maria é a “pessoa que conhece mais a fundo o mistério da misericórdia divina”.



Anos depois o Catecismo da Igreja Católica (1997) dirá que ao rezar na Ave-maria: “rogai por nós, pecadores”, estamos recorrendo à “Mãe de Misericórdia”.

A invocação “Salve, Rainha de misericórdia” encontra-se pela primeira vez com o Bispo Adhémar, de Lê Puy (+1098); destaca a qualidade do olhar materno de Maria: “Esses vossos olhos misericordiosos a nós voltei”, e conclui com o sentido desta sua misericórdia: “Ó clemente, ó piedosa, ó doce, Virgem Maria”. Já o título “Mãe de Misericórdia” se crê que foi dado pela primeira vez a Maria por Santo Odão (+942), abade de Cluny, “Ego sum Mater Misericordiae” (Eu sou a Mãe de Misericórdia), Maria lhe teria dito em sonho.

No mundo oriental podemos encontrar testemunhos ainda mais antigos. O padre oriental de Tiago de Sarug (+521) aplicou a Maria explicitamente o título de “Mãe de Misericórdia” (Sermo de transitu), o que é por muitos considerado como a sua primeira atribuição em absoluto.

Relação com a Mensagem da Divina Misericórdia

Em Vilna, capital da Lituânia, se venera a imagem da Mãe da Misericórdia de Ausros Vartai (Portal da Aurora) desde 1522, localizada numa das entradas do antigo muro. Em 1773 o Papa Clemente XIV concedia indulgências a quem rezasse ali com devoção, e em 1927 o Papa Pio XI permitiu que a pintura fosse solenemente coroada com o título de Maria, Mãe de Misericórdia, sua festa é celebrada a 16 de novembro.

Em qual sentido podemos proclamar Maria como Mãe de Misericórdia? Sem cometer o grave equívoco de pensar que a misericórdia é reservada a Maria e a justiça a Jesus (como muitos medievais chegaram a pensar), o título “Mãe da Misericórdia” ou “Mãe de Misericórdia” assim se justifica: Maria é a mulher que experimentou de modo único a misericórdia de Deus - que a envolveu de modo particular desde a sua Imaculada Conceição, passando

pela Anunciação, como discípula fiel do seu Filho, até o grande momento da Sua Páscoa (paixão, morte, ressurreição, glorificação e Pentecostes). Ela é kecharitoméne, “cheia de graça”, ou seja, totalmente transformada pela benevolência divina.

Maria é a mãe que gerou a misericórdia divina encarnada - graça extraordinária que coloca a jovem Maria, a partir da Encarnação do Filho de Deus, numa relação inimaginável de intimidade com o próprio “Pai das misericórdias” (2Cor 1,3). A partir do seu eis-me aqui” e o seu “faça-se”, a misericórdia divina se faz carne e entra na história!

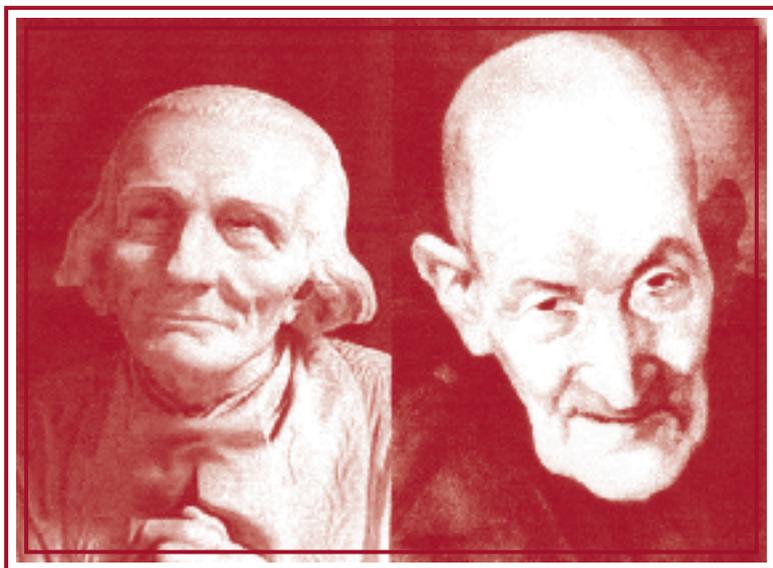
Maria é a profetisa que exalta a misericórdia de Deus - pois no seu cântico o “Magnificat” por duas vezes - unida ao Filho do Altíssimo - e ao seu Espírito - ela louva ao Pai misericordioso: “a sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que o temem”; “socorreu Israel, seu servo, lembrando-se de sua misericórdia”.

Maria é a intercessora incansável do povo de Deus - elevada aos Céus em corpo e alma, Maria não deixa de apresentar as necessidades dos fiéis ao seu Filho, a quem rogou pelos esposos de Cana, quando vivia na terra. Ela “continua a alcançar-nos os dons da salvação eterna”, ensina o Concílio Vaticano II (Lumen gentium, n. 62), praticando assim a misericórdia, sobretudo para com os que padecem dos males da alma (pecadores), mas também do corpo (todos os que sofrem).

Maria é a apóstola incansável da misericórdia divina - com a permissão e o envio do seu Filho, Maria visitou inúmeras vezes os seus filhos ainda peregrinos neste mundo, o que podemos contemplar nas aparições que já gozam de beneplácito eclesial (Guadalupe, La Salette, Lourdes, Knock, Fátima, etc.), convidando a todos a aproximarem-se do “trono da graça” que é o seu Filho. Com o seu coração compassivo de Mãe, não poderia permanecer indiferente às mazelas dos seus filhos neste vale de lágrimas!

A Mãe de Jesus e nossa merece, portanto, ser honrada como Mãe da Misericórdia e Mãe de misericórdia!





Na escola do Cura d' Ars

O Cura d'Ars, santo padroeiro dos padres, era mestre em três domínios: na oração, na Eucaristia e no sacramento de Reconciliação.

A santidade obtém-se pela humildade, pela pobreza, pela oração, pela Eucaristia, pelo sacramento da Reconciliação. O Cura d'Ars acrescentava algo de muito característico. Ele dizia sempre: «Ele está ali», mostrando o tabernáculo.

Jesus está ali, o Filho de Deus está ali, ensinava ele.

Nomeado, em 1827, para Ars, uma pequena aldeia de algumas centenas de habitantes que eram hostis aos curas, ele fechava-se na sua igreja e rezava bastante. Ele via que a sua igreja quase não tinha ninguém e que os habitantes não ligavam aos seus discursos.



Em 1858, ou seja, trinta e um anos mais tarde, acorreram a Ars cem mil peregrinos! No ano anterior à sua morte, cem mil pessoas vieram rezar com ele.

De início, ele ficava diante do Santíssimo Sacramento todos os dias. Rezava sem cessar, visitava os doentes, ia ver os agricultores aos campos, os paroquianos às suas casas. Chegava, muitas vezes, na altura em que as pessoas estavam a comer. Aceitava um bocado de pão, uma maçã, mais nada. Ficava ali.

Esqueceu-se disto!

Ele sabia pregar, mas nunca tinha conseguido aprender o latim. Em contrapartida, a sua inteligência prática era notável, muito desenvolvida. Tinha um discernimento impressionante, uma grande delicadeza. Quando alguém, ao confessar-se, contornava as confissões difíceis, ele dizia: «Esqueceu-se disto.» Ele adivinhava nas consciências. Contam que, muitas vezes, as pessoas saíam a chorar do confessionário, completamente mudadas, porque o Cura d'Ars lia nas almas.

A sua palavra era perfurante, acutilante, tocante, pois falava ao coração das pessoas. A força do Evangelho perpassava-o, tomava uns apontamentos de referência numa folha e seguia por ali fora! E mesmo quando se enganava de vez em quando, as velhas já não queriam saber. O importante são as vibrações que animam a nossa pregação. Se tivermos o fogo de Deus, os outros são queimados com a nossa palavra.

O grito do anjo e o grito da besta

Ele pregava sobre duas coisas: a Eucaristia e o sacramento da Reconciliação, que são os dois seios da Igreja. Deixou pensamentos absolutamente soberbos sobre a oração. Tinha este talento de conceber frases curtas, carregadas de sentido: «A oração é o grito do anjo, o



pecado é o grito da besta. Se pudéssemos rezar no inferno, o inferno deixaria de existir.»

No fim da vida, passava quinze a dezassete horas por dia no seu confessionário. As pessoas esperavam horas intermináveis para serem ouvidas por ele, em confissão, porque tinha aquele dom particular, porque tinha a misericórdia no Coração e em todo o seu ser. Libertava e curava uma multidão de pessoas. A sua santidade era notável.

Era um mestre da misericórdia, do sacramento de Reconciliação. Nós procuramos, hoje, mestres da misericórdia assim. Confessar as pessoas é um sacramento muito grande. Ele tinha o carisma da Reconciliação.

Um florilégio de perdões

«A misericórdia de Deus é como uma torrente a transbordar, ela arrasta os corações à sua passagem.»

«Não é o pecador que vai ter com Deus para lhe pedir perdão, mas é Deus que corre atrás do pecador e que o traz a si.»

«O bom Deus está sempre disposto a receber-nos, a sua paciência espera por nós.»

«As nossas falhas são grãos de areia ao lado da grande montanha da misericórdia de Deus.»

«Há aqueles que dizem: “Fiz um mal muito grande, o bom Deus não pode perdoar-me.” É uma grande blasfêmia, é pôr uma fasquia na misericórdia de Deus, que não a tem. A misericórdia de Deus é infinita.»

«É o nosso orgulho que nos impede de nos tornarmos santos. O que diriam vocês de um homem que trabalhasse no campo do

vizinho e deixasse o seu inculto? Pois bem, é isso que vocês fazem! Examinam continuamente a consciência dos outros, e deixam a vossa de pousio.»

«A porta do Céu está fechada ao ódio.»

«Não são as longas nem as belas orações que o Senhor vê, mas aquelas que vêm do fundo do coração com um grande respeito e um verdadeiro desejo de agradecer a Deus.»

«Não digam que não são dignos do Senhor. Vocês não são dignos, é verdade, mas têm muita necessidade dele.»

«Demos, então, esta alegria a este bom Pai: regressemos a Ele... e seremos felizes.»

«Há aqueles que atribuem ao Pai eterno um coração duro. Oh, como eles se enganam! O Pai eterno, para desarmar a sua justiça, deu ao seu Filho um coração extremamente bom: não se dá aquilo que não se tem...»

«Quando o confessor dá a absolvição, basta pensar numa coisa; é que o sangue do bom Deus corre na nossa alma para a lavar, purificar e torná-la tão bela como era a seguir ao Batismo.»

«O bom Deus, no momento da absolvição, atira os nossos pecados para trás dos seus ombros, isto é, esquece-os, anula-os: nunca mais aparecerão!»

O Cura d’Ars abriu o caminho da santidade. Ele dizia que os santos não tinham começado todos bem, mas que tinham acabado todos bem.

**“Perdoar as Injúrias”
Guy Gilbert, Paulinas**



NO CONFESSIONÁRIO



Venho hoje desenrolar ante os prezados leitores alguns quadros da vida do Rev. Padre Dr. Cruz, onde se destacam vivamente o zelo, a prudência e a piedade com que aquele venerando Padre ministrava o Sacramento da Penitência, e justificam cabalmente aquela sua regra, que estava sempre a citar: «Confessar, enquanto houver penitentes» ...

Em geral, aquele piedoso Sacerdote confessava todos os dias em algum templo, principalmente onde havia a devoção do Sagrado Lausperene. Poder-se-ia dizer que nestas festas havia três elementos, que não faltavam: as Ladainhas dos Santos, o Terço dos Benditos e o venerando Padre Cruz com as suas pregações, orações e confissões.

Quem, de manhã ou ao entardecer, visitava o Sagrado Lausperene, lá destacava o Rev. Padre Dr. Cruz ou no púlpito, a pregar, ou no confessionário, a atender aos penitentes, ou, próximo destes dois lugares, de joelhos, cabeça inclinada para o lado esquerdo, olhos fitos na Divina Hóstia, a rezar, a rezar...

Muitas vezes, ia às cadeias do Limoeiro e das Mónicas para ouvir Confissões, e com o mesmo fim visitava enfermos, que o chamavam e aguardavam ansiosamente.

Quando o Rev. Padre Dr. Cruz se dispunha a confessar nos Templos, antes de entrar no confessionário, prostrava-se a rezar em voz alta, para que os fiéis o acompanhassem. Estava já revestido com a sobrepeliz e sobre o braço esquerdo tinha dobrada a estola violácea.

Ao terminar a oração, impunha a estola, abria a porta do confessionário, volvia-se para os fiéis e dirigia-lhes breves palavras sobre as condições necessárias para a Confissão, insistindo sobre o Exame de consciência, sobre a Contrição e sobre o Propósito de emenda. Quase a acabar, fitava particularmente os penitentes do sexo feminino, dizendo-lhes com firmeza: «As Confissões querem-se frequentes, mas curtas e contritas». E repetia: «Confissões curtas e contritas».

Estas duas qualidades da Confissão eram por ele justificadas, quando pregava, apresentando considerações práticas, onde se notavam a sua profunda piedade e larga experiência do ministério de Confessor.

Contudo, esta regra não a aplicava quando os penitentes eram homens, aos quais, em geral, atendia ou nalguma dependência mais recolhida do templo, ou na sacristia, e com largueza de tempo. Então, tirava a sobrepeliz, tomava a capa, assentava-se logo que o penitente ajoelhava, debruçava-se sobre ele, como que a abraçá-lo, puxava a capa e envolvia-se nela com o penitente, no colóquio sacramental.

Deus sabe o que se passava sob as dobras daquela capa!...

Nunca deixava de receber os homens. Em uma vez, em determinada vila, onde estava a pregar um Tríduo, no dia seguinte á festa anunciou



aos fiéis que deveria partir, decorridos quinze minutos, visto estar terminada a sua missão. Passou pela sacristia, a despedir-se do Rev. Pároco, e ia a sair. Entretanto, apareceu-lhe um homem daquela localidade (um advogado, ainda jovem, quase incrédulo) o qual se aproximou do bom Padre Cruz, dizendo-lhe: «Muito gostei de sentir a sua fé em Deus e o seu amor pelos pobres. Quem me...». O Rev. Padre Dr. Cruz não o deixou continuar. Segurou-lhe com delicadeza nas mãos, conduziu-o para um dos cantos da sacristia, fitou-o com aquele «sorriso angelical», que lhe era peculiar, disse-lhe quaisquer palavras em voz baixa, fez-lhe sinal para que ajoelhasse, ao mesmo tempo que ele se assentava, e... lançou-lhe sobre os ombros a sua capa... (ia a escrever a rede). Era a confissão que começava!...

Lá fora ouvia-se silvar a máquina do comboio, onde o Rev. Padre tinha lugar marcado; mas, ali, a um canto da sacristia, à sombra do velho Crucifixo de marfim, que se erguia na parede, decidia-se a salvação de uma alma; pois a verdade é que, desde aquele dia, a pessoa, que ele confessara, nunca mais deixou de receber a Sagrada Comunhão, quotidianamente!

Aqui está como o malogro de uma viagem se tornou em meio de santificação de uma alma.

Este acontecimento, que, logo, se tornou conhecido na populosa vila, teve larga influência naquele meio; e não foi somente aquele o miraculado daquela tarde. Após ele, outros... «peixes grados caíram» (caíram? não digo bem) foram pescados por entre as malhas da capa do santo Sacerdote, pois ele continuou naquele mesmo lugar, toda a tarde, sempre a confessar.

Costumava o Rev. Padre Dr. Cruz aconselhar os pregadores dos Tríduos e Novenas que no dia da Festa não saíssem das localidades, onde pregavam, e ficassem para o dia seguinte, aguardando os retardatários, que (dizia ele) sempre apareciam. «Estes (continuava ele) eram os jornaleiros da undécima hora, de que fala o Evangelho, e quase sempre se tornavam muito fervorosos, para que no futuro recuperassem o fruto perdido nos dias da ociosidade.»

Esta heróica disposição «Confessar enquanto houver penitentes...», pode dizer-se era constante no venerando Padre.

Uma vez apareceu ele em determinada cidade da Beira Baixa, de passagem para uma paróquia vizinha, onde deveria pregar um Tríduo.

Foi recebido em casa de pessoas muito piedosas, da sua amizade, enquanto não seguia para o seu destino. Um quarto de hora antes do jantar, foi ali um médico a seu pedido, para lhe dar uma injeção, pois o venerando Padre estava fatigado.

Logo se retiraram ambos para o quarto, dizendo o Rev. Padre que não demorariam além de quinze minutos. Entretanto tudo se dispunha para o jantar. Decorreram, porém, trinta, quarenta minutos, sem que voltassem. Afinal, quase uma hora depois, surgiram eles. Vinham radiantes. O médico falou logo, dizendo: «Estavam inquietos? É natural. Desculpem a demora. Imaginem: eu vim para dar uma injeção, e, por fim fiz... a minha primeira Confissão!»...

Ainda queria narrar este acontecimento que ouvi contar ao Rev. Padre Beirão, que foi Prior da Igreja de Santa Maria Madalena, de Lisboa: Em Abril de 1908, por ocasião do grande terramoto, estava o Rev. Padre Dr. Cruz a confessar naquela igreja. De repente, todo o templo estremeceu, sacudido pela violência do abalo sísmico, correndo para as ruas os fiéis, que lá se encontravam. O confessorário, onde estava o Rev. Padre Dr. Cruz, quase se despregou da parede, levantando-se o penitente e pretendendo fugir. Mas o bom Padre segurou-o com bondade e exclamou em voz alta: «Fiquemos todos onde nos encontramos, junto de Nosso Senhor, e continuemos a rezar e a confessar». Lá fora o terror e a confusão cresciam; mas o santo Padre Cruz continuava no seu posto!...

«Confessar enquanto houver penitentes...», proclamava tantas vezes o santo Sacerdote. De facto, nada havia que pudesse impedi-lo do cumprimento daquilo que constitui um dos mais sagrados deveres do ministério sacerdotal.

Páginas da Vida do Padre Dr. Cruz
Por J. C. Freitas Barros, Lisboa, 1934





ALMAS ERRANTES, DESCRENTES E DOENTES

O Padre Cruz, numa das suas inúmeras viagens de combóio, ao entrar na gare viu uma senhora lavada em lágrimas. Aproximou-se e soube que a grande preocupação da senhora era a filha que estava às portas da morte.

A miúda estava no berço, já tinha quase dois anitos e levavam-na a Coimbra a um pediatra, depois de terem corrido todos os médicos de Lisboa.

O Padre Cruz passou as mãos sobre a cabeça da criança e disse para a mãe:

- Antes de chegar a Coimbra já está boa. Mas vá ao médico, vá. Que Deus a abençoe e lhe envie as Suas graças. Pense em São Francisco de Xavier.

A senhora nunca tinha ouvido falar no Padre Cruz e o santo também não lhe devia ser muito familiar.

Quando chegou o marido entraram para a carruagem de 1ª classe, enquanto o Padre Cruz entrou para a carruagem de 3ª.

Por alturas de Santarém, a pequerrucha, que sempre tivera febres altas e se recusava a andar, começou a mexer-se e quis sair do berço, os pais não queriam porque a febre não a largava, no entanto verificaram que a testa não estava a ferver como de costume e as cores tinham regressado às faces. Deixaram-na sair do berço - cadeira de rodas, produto que ainda não havia em Portugal com aquelas características e que devia ter sido caríssimo. Para seu espanto a pequenita queria andar de um lado para o outro e ria e queria brincar.

Os pais estavam espantados com a recuperação súbita da criança.

Depois de muitas perguntas, o pai soube que a bebé não tinha tomado outros remédios mais do que os habituais. A mãe referiu que só um padre lhe tinha acariciado a cabeça e falado em S. Francisco de Xavier. O senhor perguntou:

- Foi o Padre Cruz?
- Não sei. Não conheço.
- Ele subiu para o combóio?
- Subiu.

O senhor foi procurar o padre. Estava no meio de quatro mulheres e rezando o terço em conjunto. Esperou um pouco. Pediu licença para falar com ele. Perguntou-lhe se ele tinha acariciado alguma criança. O bondoso sacerdote respondeu-lhe que sim. O homem agarrou-lhe as mãos e beijou-lhas sem que o Padre Cruz tivesse tempo de as retirar.

- O senhor disse à minha mulher que a bebé ficaria boa antes de chegar a Coimbra. Ela corre, salta e ri como há dois meses não acontece. Diga-me o que posso fazer por si?

- Vamos rezar, os seis, a Nossa Senhora. Digam comigo:

“Senhora que, pedindo-vos os pastorinhos de Fátima a saúde para alguns doentes, respondestes que a alcançariam alguns e outros não,



ensinando-nos assim a reconhecer que a doença é, por vezes, um dom precioso de Deus para iluminar as almas e um meio de salvação; dai-nos uma tal conformidade com as contrariedades que Deus nos envia, que não só não nos queixemos, mas bendigamos o Senhor, que assim nos oferece um meio de satisfazermos, neste mundo, as penas temporais que nossos pecados merecem.

Senhora, obrigado por teres ouvido a prece dirigida a São Francisco de Xavier.

Senhora, peço saúde para os enfermos. Rogai por nós, Virgem Maria.”

Acabada esta pequena prece disse-lhe:

- Agradeça sempre a Deus. Eu não fiz mais do que lançar a bênção de Deus. Eu não sou mais do que um pequeno fio nas mãos do Senhor.

O senhor disse-lhe que era administrador dos Caminhos de Ferro e que iria fazer tudo para lhe ser concedido um passe gratuito em primeira classe.

O Padre Cruz agradeceu-lhe e disse-lhe:

- Em primeira, não. Eu pertenço à terceira que é onde pertencem aqueles que pouco ou nada têm. São esses que precisam mais de mim.

- Como quiser.

- Se isso puder ser feito agradeço-lhe. Acontece, muitas vezes, que tenho de ir a pé de um lado a outro porque o dinheiro que me dão é sempre pouco para aqueles que não têm nada e não conseguem trabalho.

Foi desta maneira que o Padre Cruz obteve o seu passe de 3ª classe nos comboios portugueses e, quando a má vontade contra os padres era evidente.

Deus nunca esquece quem O serve desinteressadamente. Como não lhe pôde enviar o dinheiro para o passe, fez o milagre no momento certo para que o servo do Senhor tivesse os meios suficientes para se deslocar e assim ajudar as almas errantes, descrentes e também as outras.



Assunção de Nossa Senhora Mãe de Deus

No dia 15 de Agosto celebramos, solenemente, o facto ocorrido na vida de Maria de Nazaré, proclamado como dogma de fé, ou seja, uma verdade doutrinal, pois tem tudo a ver com o mistério da nossa salvação. Assim definiu pelo Papa Pio XII em 1950 através da Constituição Apostólica “Munificentissimus Deus”: “*A Imaculada Mãe de Deus, a sempre Virgem Maria, terminado o curso da vida terrestre foi assunta em corpo e alma à glória celestial.*”



Antes, esta celebração, tanto para a Igreja do Oriente como para o Ocidente, chamava-se “Dormição”, porque foi sonho de amor. Até que se chegou ao de “Assunção de Nossa Senhora ao Céu”, isto significa que o Senhor Jesus reconheceu e recompensou com antecipada glorificação todos os méritos da Mãe, principalmente alcançados em meio às aceitações e oferecimentos das dores, sofridas e aceites durante toda a sua vida.

Maria contava com 50 anos quando Jesus subiu ao Céu. Tinha sofrido muito: as dúvidas do seu esposo, o abandono e pobreza de Belém, o desterro do Egito, a perda prematura do Filho, a separação no princípio do ministério público de Jesus, o ódio e perseguição das autoridades, a Paixão, o Calvário, a morte do Filho e, embora tanto sofrimento, São Bernardo e São Francisco de Sales é quem nos aponta o amor pelo Filho que havia partido como motivo de sua morte.

É muitíssimo provável e hoje bastante comum, a crença de a Santíssima Virgem ter morrido antes que se realizasse a dispersão dos Apóstolos e a perseguição de Herodes Agripa, no ano 42 ou 44. Teria então uns 60 anos de idade. A tradição antiga, tanto escrita como arqueológica, localiza a sua morte no Monte Sião, na mesma casa em que seu Filho celebrara os mistérios da Eucaristia e, em seguida, tinha descido o Espírito Santo sobre os Apóstolos.

Esta a fé universal na Igreja desde tempos remotíssimos. A Virgem Maria ressuscitou, como Jesus, pois a sua alma imortal uniu-se ao corpo antes da corrupção tocar naquela carne virginal, que nunca tinha experimentado o pecado. Ressuscitou, mas não ficou na terra e sim imediatamente foi levantada ou tomada pelos anjos e colocada no palácio real da glória. Não subiu ao Céu, como fez Jesus, por a sua própria virtude e poder, mas foi erguida por graça e privilégio, que Deus lhe concedeu como a Virgem antes do parto, no parto e depois do parto, como a Mãe de Deus.

«... Os antigos santos Padres e doutores nas suas homilias e sermões que neste dia faziam ao povo, não foram buscar esta doutrina à liturgia, como a fonte primária; mas falaram dela aos fiéis como de coisa sabida e admitida por todos. Souberam explicara o seu significado e o fato da Assunção ao céu com razões mais profundas, destacando e amplificando aquilo a que muitas vezes os livros litúrgicos apenas aludiam em poucas palavras, a saber, que com esta festa não se comemora somente a incorrupção do corpo morto da santíssima Virgem, mas principalmente o triunfo por ela alcançado sobre a morte e a sua celeste glorificação à semelhança do seu Filho unigénito, Jesus Cristo.

S. João Damasceno, que entre todos se distingue como pregoeiro dessa tradição, ao comparar a assunção gloriosa da Mãe de Deus com as suas outras prerrogativas e privilégios, exclama com veemente eloquência: “Convinha que aquela que no parto manteve ilibada virgindade conservasse o corpo incorrupto mesmo depois da morte. Convinha que aquela que trouxe no seio o Criador encarnado habitasse entre os divinos tabernáculos. Convinha que morasse no tálamo celestial aquela que o Eterno Pai desposara. Convinha que aquela que viu o seu Filho na cruz, com o coração traspassado por uma espada de dor de que tinha sido imune no parto, contemplasse assentada à direita do Pai. Convinha que a Mãe de Deus possuísse o que era do Filho, e que fosse venerada por todas as criaturas como Mãe e Serva do mesmo Deus”. Condizem com essas palavras de S. João Damasceno as de muitos outros que afirmam a mesma doutrina. E não são menos expressivas, nem menos exatas, as palavras que se encontram nos sermões proferidos pelos santos Padres mais antigos ou da mesma época, ordinariamente por ocasião dessa festividade. Assim, para citar outro exemplo, S. Germano de Constantinopla julgava que a incorrupção do corpo da virgem Maria Mãe de Deus, e a sua assunção ao céu são corolários não só da sua maternidade



divina, mas até da santidade singular daquele corpo virginal: “Vós, como está escrito, aparecestes ‘em beleza’; o vosso corpo virginal é totalmente santo, totalmente casto, totalmente domicílio de Deus de forma que até por este motivo foi isento de desfazer-se em pó; foi, sim, transformado, enquanto era humano, para viver a vida altíssima da incorruptibilidade; mas agora está vivo, gloriosíssimo, incólume e participante da vida perfeita”. Outro escritor antiquíssimo assevera por sua vez: “A gloriosíssima Mãe de Cristo, Deus e Salvador nosso, dador da vida e da imortalidade, foi glorificada e revestida do corpo na eterna incorruptibilidade, por aquele mesmo que a ressuscitou do sepulcro e a chamou a si numa forma que só ele sabe”.

À medida que a festa litúrgica se foi espalhando, e celebrando mais devotamente, maior foi o número de bispos e oradores sagrados que julgaram de seu dever explicar com toda a clareza o mistério que se venerava nesta solenidade e mostrar como ela estava intimamente relacionada com as outras verdades reveladas.»

CONSTITUIÇÃO APOSTÓLICA DO PAPA PIO XII
MUNIFICENTISSIMUS DEUS
DEFINIÇÃO DO DOGMA DA ASSUNÇÃO
DE NOSSA SENHORA EM CORPO E ALMA AO CÉU

Nossa Senhora da Assunção, rogai por nós.



Agradecem as graças alcançadas por intercessão do Santo Padre Cruz e, em sinal de gratidão, contribuíram para a Causa de Canonização do Servo de Deus.

Sendo eu uma grande devota do meu querido Padre Cruz, pedi-lhe que por seu intermédio intercedesse junto de Jesus para curar uma grande doença que a minha sobrinha tinha, ela encontrava-se com cancro e hoje, graças a ele, ela está curada. Embora com receio, mas sempre com muita fé, porque ele é nova e por seus filhos, que adora.

Muito agradecida por tantas graças que eu tenho recebido.

Elza Sousa (New Bedford, EUA);

Agradeço ao *Santinho* [Padre Cruz] a graça recebida.

O meu genro esteve desempregado e não conseguia encontrar emprego, como já tinha 52 anos, era complicado e eu pedi ao S. Padre Cruz para o ajudar e fui atendida.

Agradeço também por mim, por coisas que pedi e fui atendida.

Por isso agradeço ao S. P. Cruz, para continuar a ajudar o meu genro e que o Patrão seja honesto e respeite o meu genro como ele merece, porque ele também o respeita. Também em meu nome agradeço muito e que me ajude sempre.

Ana Rosa Ferreira de Sá (Porto);

Fico muito agradecida pela graça que me fez. Quando estava grávida do meu filho Carlos, todos me diziam que eu ia morrer, mas graças ao senhor Padre Cruz, a quem tanto pedi, ainda estou viva. Isto porque todos os filhos que tive, foi por cesariana e era a terceira que fazia. Muito obrigada pela graça que me fez.

Pureza do Nascimento Fragueiro (Macedo de Cavaleiros);



O *Santo Padre Cruz* tem-me ajudado, bem como ao meu filho, minhas netas e nora. As graças são tantas que não sei como agradecer. Chamo por ele e tudo aparece.

Obrigada, meu santinho por tudo.

Tília Dulce Machado Faria e Almeida (Porto);

Mais uma vez venho manifestar a minha profunda gratidão ao Padre Cruz pelas inúmeras vezes que me tem ouvido nas minhas dificuldades.

Manuela Mendonça (Sabugosa);

Agradeço as graças alcançadas por intermédio do *Santo Padre Cruz*, que nunca deixa de me ouvir.

Maria Augusta Henriques Lopes (Pombal);

Ao Venerável Padre Cruz muito tenho a agradecer.

Tanto para mim, como para pessoas que me são queridas já pedi paz, saúde, emprego, auxílio em grandes aflições. Em tudo me atendeu. Muito obrigada, querido Padre Cruz. Peço-vos agora que me abençoeis, embora o tivésseis feito, quando vos beijei as santas mãos, há dezenas de anos na Igreja dos Clérigos.

Gratíssima.

Maria Teresa Matos (Porto);

Agradeço ao meu querido *Santo Padre Cruz* pelas muitas graças recebidas, por sua intercessão, entre elas a grande graça de uma netinha tão linda e tão perfeitinha, que não me canso de agradecer a Deus. Que o *Santo Padre Cruz* a acompanhe e a proteja sempre pela vida fora.

Obrigada, *Santo Padre Cruz*, continuo a confiar em ti.

Alice de Sá e Silva Pinto (Rio Meão);

Tendo um neto meu um problema grave, pedi ao bondoso Padre Cruz e, graças a ele tudo se resolveu em bem.

Tendo também uma filha com problemas no emprego, pedi ajuda ao Padre Cruz, tudo se resolveu em bem.

Tenho um sobrinho que teve um acidente grave, tendo estado mesmo muito mal, pois dizia-se que talvez não ficasse autónomo, mas com a graça pedida ao Padre Cruz, tudo se resolveu em bem.

Ao longo da minha vida tenho recebido muitas graças.

*Maria Aurora Oliveira Carvalho
(Amarante);*

Eu, Paula Margarida da Costa Galego, com 48 anos, vivo nos Açores, mais propriamente na ilha de São Miguel, Ponta Delgada. Sou contabilista há mais de 20 anos e o meu pedido foi concretizado, tive uma graça.

Em 2015, fui trabalhar para uma empresa de contabilidade onde levei a minha carteira de clientes. A responsável pela empresa começou a fazer ação psicológica como por exemplo: a culpar-me de erros que não tinha cometido até fez agressão verbal.

Aguntei-me 14 meses a levar a minha vida profissional desta maneira, sempre pedindo a Deus e ao bondoso Padre Cruz que me ajudasse, me desse forças para ir trabalhar todos os dias e também pedi-a para que um dia eu me libertasse deste grande sofrimento.

Com o passar dos meses, já não só estava completamente saturada desta mulher como também criei medo dela. Medo, que esta brigasse comigo ou até mesmo das coisas que esta imaginava ser verdade mas na realidade não existiam.

Em 2015 estive em Fátima onde comprei um estampa do Padre Cruz onde tudo tem um significado na minha vida, pois Ele sabia que ia precisar Dele e foi assim que olhando para Ele pedia muito e Ele ouviu-me.

Mas finalmente, passados 14 meses consegui libertar-me, e hoje estou bem psicologicamente. E profissionalmente tive a graça de uma empresa de contabilidade ter-me aberto as portas e fui tão bem recebida e tratada que até nem tinha pedido tanto foi muito mais do que tinha pensado ou pedido, e isto para mim foi a minha maior



graça, saber que amanhã vou acordar e o meu emprego espera por mim e vou trabalhar com gosto e em paz comigo própria. Só tenho a agradecer o meu pedido concedido.

Obrigada Deus através do *santo* Bondoso Padre Francisco da Cruz, a graça foi concedida! Amém!

*Paula Margarida da Costa Galego
(Ponta Delgada, Açores);*

Tenho uma netinha fora do país, houve algo que me deixou incomodada, pedi ao nosso *santinho* [Padre Cruz] proteção para ela e tudo se resolveu em bem.

Pelos meus filhos, ajuda que me tem dado e por mim, pela minha saúde, continuando a pedir e agradecendo tudo o que tenho recebido do nosso grande amiguinho, [Padre Cruz].

São muitas e muitas vezes que recorro à sua santa intercessão junto de Deus e sou ouvida.

Rosa Maria Gonçalves Mesquita (Lixa);

Venho agradecer ao *santinho* Padre Cruz todas as graças recebidas ao longo dos anos. Os meus filhos continuam a trabalhar nas mesmas empresas já há anos, graças ao *Santinho* Padre Cruz.

Obrigada, meu bom amigo.

Maria Esmeralda Ferreira Brito (Sintra);

Agradeço ao *Santo* Padre Cruz todas as graças que me tem concedido e continuo a receber, pois a ele recorro sempre que necessito de ajuda para mim e minha família.

Obrigada, meu grande amigo *Santo* Padre Cruz.

Maria Pureza Vasconcelos (Sabadim);

Pedi ao Padre Cruz a graça de a minha nora nos dar uma grande alegria, nos dar o meu primeiro netinho, que nasceu no dia 30 de março bem saudável e tudo correu muito bem.

Teresa Sacchetti (Attleboro, EUA).



DERAM ESMOLA

e

AGRADECEM GRAÇAS

Maria de Lourdes Duarte Marques (Alhandra); Maria Teresa Medeiros Vieira (Santa Bárbara, Açores); Sílvia Fernandes Pereira (Entroncamento); Maria Manuela Sousa (Lisboa); Maria Inês Meira de Matos (Barcelos); José Marques Cravo (Madalena); Ludovina Marmelo (Portalegre); Maria Eugénia Marques Pereira (Vila Nova de Gaia); Maria Antónia de Araújo Sobral (Carria); Maria da Graça dos Santos Custódio (Lourinhã); João Filipe Vicente Gonçalves (Assentiz); Luciana Jesus Rodrigues (Setúbal); Maria do Céu Neves Ladeiras (Lisboa); Mário Andrade (Rio Tinto); Maria Amélia Filipe (Oeiras); Isabel Carreira (Peniche); Maria Amélia Santos Moreira (Cascais); Deolinda Maria Vitória (Barreiro); Fernanda Caiado da Silva (Castelo Branco); João da Costa Tavares (Porto Salvo); Tília Dulce Machado Faria e Almeida (Porto); Maria do Carmo Farinha (Lisboa); Maria Leonor Jesus Fidalgo Mercês (Caldas da Rainha); Maria Conceição Martins (Ontário, Canadá); Conceição Maria Moreira (Fiães); Maria Antónia Carvalho de Sá Carneiro (Porto); Maria da Piedade Boavida Crespo (Carnaxide); Maria da Conceição Ribeiro Freire (Vide); Manuel Correia Pereira (São Julião); Saul Pires (Coimbra); Maria Beatriz Alves Gomes Guerra (Benavente);



Arminda Prazeres Mesquita Bo-
avida (Bucelas); Maria Leonor
Gomes (Lisboa); António Car-
rilho (Lisboa); Alzira Alves da
Cunha (Aves); Maria Loureira
Alves (Matosinhos); Manuel Ro-
drigues Cunha (Freitas); Maria
Teresa Medeiros Vieira (Santa
Bárbara, Açores); Maria Tere-
sa Matos Freitas Seara (Porto);
Isaura Godinho e filha (Hudson,
EUA); Dulcíneo Rebelo (Vila
Nova de Famalicão); Maria He-
lena Duarte (Lisboa); António
Oliveira Prata (Leiria); Maria Te-
resa Matos (Porto); Maria Cândi-
da Caixinha (Lagoa); Alice de Sá
e Silva Pinto (Rio Meão); Ma-
ria Augusta H. Lopes (Pombal);
Maria José Teles Lima (Oliveira
de Frades); Maria Fernanda Pin-
to Proença Nave (Covilhã); Ma-
ria Conceição Duarte Lucas Car-
doso (Queijas); Maria Alcinda
Rodrigues Castro (Cacém); An-
tónio Xavier Forte (Escudeiros);
Manuela Mendonça (Sabugosa);
Maria Celeste Peixinho Cruz
(Miratejo); Maria Amélia Feliz
Santos (Almada); Maria Lour-
des M. Carvalho Serradas (Lis-
boa); Brígida Fernandes Batista
(Vila Nova da Barquinha); Au-
rora Ferreira (Coimbra); Cecília

Canilho Rijo Domingues (Por-
talegre); Isidro Cardoso (Vila
Nova de Gaia); Manuel António
Lourenço (Soure); Maria Aurora
Oliveira Carvalho (Amarante);
Isabel Dourado (Póvoa de Var-
zim); Albertina Madeira (Alte);
Maria da Conceição Rebola (Ar-
cos de Valdevez); José Manahu
(Porto); Maria Antónia Freire
Lobo Vaz Pato (Oliveira do Hos-
pital); Maria Paula Brito Seródio
(Porto); Maria da Conceição de
Carvalho Taveira Pinto e Maria
Aurora Oliveira Carvalho (Te-
lões); Maria Inês Vaz Valente
(Amadora); Horácio Esteves e
Iria dos Santos Sá (Aveiro); Zita
Maria Freitas Dias Gonçalves;
Maria Elisabete Gomes Leleu;
Maria Piedade Trindade (Moçar-
ria); Cândida Amélia Carvalho
Costa (Lisboa); Maria Helena
Gomes Soeiro (Tabuaço); André
Tiago Pereira Cabral (Lisboa);
Maria Odete Cabral (Lisboa);
Maria Alice Vicente Ferreira
Pinto (Amadora); António Xa-
vier Forte (Escudeiros); Gabrie-
la Augusta G. Jorge (Amadora);
Celeste Veiga Pinto (Avelãs do
Caminho); Noémia (Lisboa);
Maria Emília Fernandes Cabral
(Lisboa); Maria Helena Ribeiro

Lages Costa (Amadora); Laurin-
da da Costa Marques Couto (Ca-
nas de Senhorim); Aida Curado
Ferreira da Silva (Amadora);
Maria Amélia Gonçalves (Quinta
do Conde); Leonel Afonso (Lis-
boa); Adelina Baptista C. Valou-
ra (Chaves); Amarílio Canhoto
(Évora); Inês Alves Pinto Leite
da Silva e Maria Antónia Pinto
Leite de Melo (Porto); Teresa
Caldas Rasteiro (Odivelas); En-
grácia de Jesus Ribeiro (Braga);
Júlia Patrocínio Ferreira Rodri-
gues (Batalha); Augusto Soares
Moura (Lamego); Maria Alice
(Coimbra); Maria Isabel Melo
Ferreira (Miranda do Corvo); Le-
onor Soares Nunes (Abrantes);
Maria Manuela Graça Rodrigues
Pereira (Rio Tinto); Margarida
Derouen (Cocoa, EUA); Ma-
ria Teresa Almeida Santa Maria
Dias Ferreira (Lisboa); Idalina
dos Anjos Queiroz Araújo (Por-
to); Lucinda de Jesus Gonçalves
(São João das Lampas); Maria
Adelaide Ferreira (Peso da Ré-
gua); Maria do Carmo Ferreira
Sousa Teixeira (Vila Real); Ilda
Rosa Martins Guerreiro Silva
(Lisboa); Maria Eunice Pinto
F. L. Barbosa (Odivelas); Ben-
vinda Giraldes Bouço (Lisboa);

Maria de Lurdes Santa (Cascais);
Edviges Silva (Baixa da Banhei-
ra); Noel Guerreiro (Relíquias);
Maria Alice Silva (Baixa da Ba-
nheira); Madalena Cardoso Naia
(Barreiro); Guilhermina Rolim
Garcia (Roliça); Maria Esme-
ralda Ferreira Brito (Sintra); Fi-
lomena Azevedo (Calheta, Aç-
ores); Maria Joaquina Camarinha
Santos (Rio Tinto); Maria Isabel
Catum Lourenço e Susana Lou-
renço; Maria Manuela Sousa
(Lisboa); Maria Inês Meira de
Matos (Barcelos); João Camilo
Marques Bajouco (Coimbra);
Iria Furtado (Ponta Delgada,
Açores); Maria Sameiro Peixoto
Cardoso (Vila Nova de Gaia);
Fernando Morais (Pedroso);
Natalina T. Teixeira (Ribeirinha,
Açores); Elisa Calmeira Gon-
çalves (Castelo Branco); José
António Paulo das Neves (En-
troncamento); Lourdes Trindade
(Porto); Maria de Fátima Teixei-
ra Dias Magalhães (Maia); Maria
Gilda Martins Furtado da Rosa
(Ponta Delgada, Açores); Maria
Helena Frazão Pinheiro Isidro
Teófilo (Cartaxo); Teresa Sac-
chetti (Attleboro, EUA); Maria
Luísa Correia Santo (Funchal,
Madeira).





Campanha de Missas pela Beatificação do Padre Cruz

Ana Maria Costa Bravo Duarte (Monforte); Alcinda Deveza Queiroga (Apúlia); Aurora Paz Nunes (Lisboa); Carlos Alberto Cautela Neves (Meda); Maria Custódia Soares (Corroios); Maria Paula Brito Seródio (Porto); Maria Emília Barros Rodrigues (Pousaflores); Lila Caseiro (Lisboa); António Xavier Forte (Escudeiros); Manuel José de Matos Calado (Murtosa); Maria Carolina Lopes da Silva (Lisboa); Manuel Araújo Amorim (Alcabideche); Jorge Fonseca Almeida (Lisboa); Maria Luísa Almeida (Coimbra); Maria Arménia Rodrigues Oliveira Agria (Coimbra); Maria Amélia Santos Moreira (Cascais); Manuel Pereira (Mangualde); Luís Manuel Roque Fidalgo Alegria (Abrantes); Maria Helena Ribeiro Lages Costa (Braga); Maria Vitória

Ribeiro (Almeirim); Maria José Gomes Abrunhosa (Porto); Maria Amélia Santos Moreira (Cascais); Maria Beatriz Alves Gomes Guerra (Benavente); Maria Lourdes M. Carvalho Serradas (Lisboa); Augusto Ferreira Santos (Gondomar); António Xavier Forte (Escudeiros); Maria Odete Cabral (Lisboa); Maria Inês Meira de Matos (Barcelos); Maria Helena Ribeiro Lages Costa (Amadora); Laurinda da Costa Marques Couto (Canas de Senhorim); António Jesus Araújo Braga Tinoco (Braga); Eulália Simões Neves (Lisboa); Maria Cecília Marques Pereira da Nôvoa (Porto); Clara Maria Teixeira Silva Santos (Arouca); Rosa Maria Gonçalves Mesquita (Lixa); Elvira Martins Ribeiro (Peso da Régua); Augusta Branca Jesus Marcos (Odivelas).



Que é preciso para a Canonização do Padre Cruz?

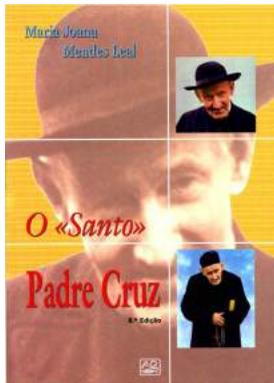
A resposta é simples: que a Igreja, pelo seu Chefe Supremo, o Vigário de Cristo, dê o seu veredito. Mas a Igreja não procede, nesta matéria, de ânimo leve. Por isso tem de ter a certeza de o servo de Deus ter praticado todas as virtudes em grau extraordinário.

Exige também um sinal do céu: o milagre, obtido por intercessão do Padre Cruz. exige até dois. O milagre é um facto religioso, isto é, supõe a oração ou intercessão de um justo unido intimamente a Deus; sensível, ou seja certificável pelos sentidos, e inexplicável pelas forças da natureza. Não basta alguém declarar simplesmente que houve milagre, será preciso prová-lo. E isso faz-se com todo o rigor, por meio de um processo.

Constituído um tribunal pela autoridade da Igreja, são ouvidas as testemunhas e o «miraculado» deve ser minuciosamente examinado por um ou mais peritos, para saber se acura foi real e perfeita ou não.

DATAS PRINCIPAIS DA VIDA DO PADRE CRUZ E DO SEU PROCESSO DE CANONIZAÇÃO

Nascimento:	29-7-1859	Entrada na Companhia de Jesus:	3-12-1940
Estudos Secundários em Lisboa:	1868-1875	Madeira e Açores:	1942
Universidade de Coimbra:	1875-1880	Morte em Lisboa:	1-10-1948
Ordenação Sacerdotal:	3-6-1882	Processo de Beatificação em Lisboa:	10-3-1951 a 26-6-1965
Diretor do Colégio dos Orfãos - Braga:	1886-1894	Entregue à Santa Sé:	17-9-1965
Diretor Espiritual em S. Vicente de Fora:	1896-1903	Aprovação dos Escritos e Declarado Venerável:	30-12-1971



O SANTO PADRE CRUZ

Maria Joana Mendes Leal

A vida do *Santo* Padre Cruz, obscura e gloriosa, apagada e empolgante, é dos testemunhos mais eloquentes dos nossos dias...

8ª edição: 11€.

ODISSEIA DE AMOR - Vida do "santo" Padre Cruz

Dário Pedroso, S. J.

Mais uma biografia do Padre Cruz? Sim e não. Sim, porque se trata de apresentar os momentos mais significativos da vida deste sacerdote exemplar, a quem o povo há muito «canonizou». Não, porque o Autor escolheu uma aproximação deveras original: colocando o P. Cruz a falar com um jovem interlocutor imaginário, faz desta narrativa biográfica quase uma “autobiografia”, na qual tudo resulta da «odisseia» do amor de Deus na vida do Padre Cruz.

São páginas repletas de simplicidade e confiança em Deus, bem ao jeito do biografado.

1ª edição: 7€.



GRAÇAS DO PADRE CRUZ S. J. REVISTA TRIMESTRAL

Proprietário: Província Portuguesa da Companhia de Jesus
Estrada da Torre, 26 1750-296 Lisboa

Diretor: P. António Reis S.J.
Sede da Redação: Rua da Madalena, 179 R/C
Apartado 2661
1117-001 LISBOA

Telef.: 218 860 921
Site: <http://www.padrecruz.org>
e-mail: causapadrecruz@padrecruz.org

Impressão e acabamento: Gráfica Almondina - Torres Novas - Tiragem: 2.000 exemplares
Registo: I.C.S. 102106 - Depósito Legal: 17.244188

Pedidos: Na sua Livraria ou na Editorial A. O. - Largo das Teresinhas, nº5, 4714-504 BRAGA.
Deve enviar com o seu pedido, cheque ou vale postal.